

## Cidades turísticas no período pré-pandémico sob o escrutínio dos media: Os casos de Lisboa e do Porto

### Tourist cities in the pre-pandemic period under media scrutiny: The cases of Lisbon and Oporto

**Manuel Tojal**

Instituto Politécnico da Maia, Portugal  
N2i – Núcleo de Investigação do Instituto Politécnico da Maia  
mdtojal@sapo.pt  
<https://orcid.org/0000-0003-2583-1065>

#### Resumo

As transformações ocorridas nos centros históricos de Lisboa e Porto por causa do boom turístico não podiam ter deixado de apaixonar os media portugueses, tornando-se num terreno fértil para o debate de ideias que, entre 2014 e finais de 2019, foram acompanhando todas as incidências de duas cidades que, de centros urbanos pacatos, se transformaram em cidades a caminharem para a sobrelotação turística. Para a abordagem do corpus documental constituído por 120 textos publicados nos media portugueses no arco temporal referido, o nosso estudo tomou a análise de conteúdo como suporte teórico-metodológico. Procurando enquadrar algumas teorias que pretendem explicar a intolerância para com o modelo turístico predominante em muitos destinos urbanos e tendo em consideração as opiniões expressas nos textos em análise relativamente às perceções dos residentes destas cidades num contexto de *overtourism*, este artigo demonstra a existência de posições bastante antagónicas entre uma certa intelligentsia ligada ao urbanismo, à ecologia e ao turismo sustentável que opina ativamente no discurso mediático e um conjunto de atores institucionais com altas responsabilidades nas áreas do turismo e da gestão autárquica.

**Palavras-chave:** Boom turístico; discurso dos media; Lisboa; Porto; turismofobia; relação turistas-residentes.

#### Abstract

The transformations that took place in the historic centres of Lisbon and Porto due to the tourist boom could not have failed to fascinate the Portuguese media, becoming a fertile ground for the debate of ideas that, between 2014 and the end of 2019, followed all the incidents of two cities that, from peaceful urban centres, became cities heading towards tourist overcrowding. In order to approach the documentary corpus consisting of 120 texts published in the Portuguese media in the period above, our study took content analysis as theoretical-methodological support. Seeking to frame some theories that intend to explain the intolerance towards the predominant tourist model in many urban destinations and taking into account the opinions expressed in the texts under analysis regarding the perceptions of the residents of these cities in a context of *overtourism*, this paper demonstrates the existence of antagonistic positions between a certain intelligentsia linked to urbanism, ecology and sustainable tourism that actively opine in the media discourse and a set of institutional actors with high responsibilities in the areas of tourism and municipal management.

**Keywords:** Tourist boom; media discourse; Lisbon; Porto; tourismphobia; tourist-resident relationship.

## 1. Introdução

A ideia inicial deste estudo sobre os efeitos da pressão turística nas cidades de Lisboa e do Porto ocorreu numa altura em que a indústria do turismo em Portugal estava mergulhada numa crise que, embora decorrente de fatores exógenos, contribuiu para fazer desmoronar temporariamente o elã que se julgaria imparável de completa transformação destas duas áreas urbanas históricas. É certo que a pressão turística em Lisboa e no Porto não era ainda comparável em 2019 com as situações extremas vividas nos principais destinos do turismo de cidades na Europa, como eram os casos de Veneza, Barcelona ou Amesterdão, que poderíamos rotular de cidades hiperturísticas.<sup>1</sup> Mas é um facto que, após a avalanche de prémios conquistados sobretudo a partir de 2016 (“Melhor destino de cruzeiro – Lisboa”, 2017; “Melhor destino europeu – Porto”, 2017; “Melhor destino de cidade europeu – Lisboa”, 2018; “Melhor porto de cruzeiros europeu – Porto de cruzeiros de Lisboa”, 2018; “Melhor companhia europeia de cruzeiros de rio – Douro Azul”, 2018; “Melhor organismo oficial europeu de turismo – Turismo de Portugal”, 2018), o sucesso do turismo em Portugal fez com que o discurso mediático o começasse a apresentar como *case study* na Europa. Visto como exemplo de sucesso a estudar, o caso português começou, assim, a ser olhado com atenção por instâncias internacionais, de tal forma que a *European Travel Commission* (ETC), a OCDE e a Organização Mundial do Turismo (OMT) assumiram que o exemplo português poderia ser clonado noutros países europeus. Peter de Wilde, na altura presidente da ETC, veio à procura da origem desse sucesso em Portugal, tendo encontrado vários exemplos de estratégias que gostaria de ver espelhadas na Europa: “O Turismo de Portugal está a incentivar a parceria financeira entre o sistema público e a indústria privada do turismo. Eu gostaria muito de ouvir que isto acontece nos outros países e que é comum, mas não é, e Portugal mostra que é possível. Admito que Portugal, tal como a Espanha, tenham numa primeira linha beneficiado da instabilidade social e política em alguns países, mas cada vez que alguém descobre o destino fica fã. Eu já adoro Portugal.” (in Pinheiro, 2017).

O boom turístico a que vínhamos assistindo nos centros históricos de Lisboa e do Porto até ao início da pandemia remete-nos para a progressiva transformação das mesmas em “cidades turísticas”, embora este conceito se preste a generalizações, uma vez que o turismo não acontece de forma homogénea em todo o espaço urbano e também porque isso implicaria a primazia do turismo em relação a todas as outras atividades. Luchiari (2000) considera que uma das diferenças entre cidades industriais e cidades turísticas reside no facto de que estas últimas representariam uma nova forma de urbanização, ou seja, elas seriam concebidas não para a produção, mas para o consumo de bens, serviços e paisagens, passando, por conseguinte, o consumo a ser mais constitutivo da sua paisagem. Uma das consequências é que o centro dessas cidades tende a ser dominado por instalações comerciais e de entretenimento, em vez de escritórios ligados aos serviços administrativos. E no que ao comércio diz respeito, o que se verifica é que as grandes marcas internacionais

---

<sup>1</sup> No uso deste qualificativo seguimos a sugestão de Froma Harrop (2021) que, num pequeno artigo intitulado “Hypertourism and the new travel agendas”, justifica o uso deste neologismo pela ausência de qualquer tradução consensual para o termo *overtourism*. Com efeito, parece-nos mais feliz *hiperturismo* do que *sobreturismo*, hipótese sugerida por Milano (2018: 553) para traduzir a exploração excessiva de recursos e bens comuns num determinado ambiente turístico. Refira-se que a expressão “cidades hiperturísticas” já era usada em 2020 no discurso jornalístico em Portugal.

varrem os pequenos comerciantes e os artesãos tradicionais. Nesta perspetiva, como referem Fainstein e Judd (1999), a área central das cidades turísticas tende a transformar-se num espaço de consumo exagerado, onde a celebração dos produtos se sobrepõe aos valores cívicos. E de tal forma essas zonas urbanas se convertem em destinos de multidões de turistas que acabam por não comportar edificações residenciais, excluindo desse modo os residentes proprietários. O espaço passa, assim, a ser organizado/reestruturado em função do turismo, surgindo invariavelmente a especulação imobiliária que acaba por segregar a população segundo o seu rendimento, sendo que a população residente não consegue arcar com a inflação do preço dos terrenos, da habitação e com as altas taxas de impostos cobrados nas áreas mais valorizadas pelo turismo (Crispim, 1998).

Várias questões se levantam quando existe priorização e excessivo investimento em infraestruturas turísticas, as quais muitas vezes, como sublinha Rodrigues (1996), não são disponibilizadas para a população local, dado que em muitos casos já existe uma nítida segregação espacial que inviabiliza os residentes de usufruir de tais benefícios. Com efeito, na maior parte dos casos, a atenção dada ao turista e à sua satisfação sobrepõe-se à atenção prestada ao residente, que também participa do processo e constitui uma parte da cadeia de valor da experiência turística (Murray, 2018). O paradoxo dos destinos reside no facto de o contentamento com o crescimento do número de chegadas dos turistas, por causa dos rendimentos que geram, ser contrariado pela necessidade de aplicar medidas restritivas para pôr um travão a essas chegadas, procurando-se que a variável de ajuste do sistema não seja o residente e a qualidade no seu estilo de vida.

A excessiva urbanização turística, já estudada por Andereck (1997), leva à competição pelo espaço e pelos serviços urbanos entre residentes e turistas, os primeiros tentando defender os seus territórios e os segundos, nas palavras do mesmo autor, procurando conquistá-los. Não nos parece, no entanto, que esta metáfora bélica seja a mais adequada, na medida em que, na realidade, quem acaba por beneficiar economicamente dessa “conquista” são os pequenos e grandes investidores e empresários turísticos. Importará, no entanto, lembrar que em 2017, enquanto na ONU se discutiam as melhores estratégias para conciliar o turismo com o desenvolvimento sustentável, nas ruas de muitas cidades europeias ocorriam manifestações de movimentos antiturísticos que, apesar de serem considerados ainda minoritários, poderão chegar, em casos extremos, a um ponto sem retorno, despoletando fenómenos de explosão social (Murray, 2018). Não será, por isso, de estranhar que uma das questões mais debatidas nos *media*, por causa da dialética entre as ameaças e as oportunidades que a indústria turística consigo acarreta, tenha sido aquela que está relacionada com a urgência da criação de medidas que demonstrem que o turismo pode ser um setor que transporta consigo aspetos positivos e sustentáveis, tanto para as cidades e os seus residentes como para quem as visita.

Ultrapassado o período mais crítico da pandemia, parece não se ter verificado uma alteração significativa no paradigma do turismo de massa quer em Lisboa quer no Porto. Apesar disso, este artigo pode ficar como o testemunho histórico do que terá sido nas duas principais cidades portuguesas um fenómeno com um lapso temporal relativamente curto, mas muito intenso, abruptamente interrompido por uma crise sanitária que fez parar o mundo.

## 2. Revisão da literatura

Não é possível fazer-se um estudo sério sobre os impactos do turismo sem ter em conta algumas teorias que pretendem explicar a intolerância para com o modelo turístico que predomina em muitos destinos urbanos. Uma delas foi já desenvolvida em 1975 por George Doxey e propõe que, com o aumento do número de turistas, a percepção dos residentes vai evoluindo da euforia para a apatia, desta para a irritação e, num último estágio, para o antagonismo. Na etapa inicial, os anfitriões recebem os turistas com euforia, uma vez que estes revelam ser uma fonte de impactos positivos através da criação de emprego e consequente aumento de riqueza e qualidade de vida. Com o aumento do número de turistas, começa a existir alguma pressão para a consecução de estruturas básicas e, nesta fase, a população residente começa a demonstrar uma relação apática com a indústria turística. A fase da irritação surge quando ocorrem grandes mudanças na localidade que influenciam a qualidade de vida dos residentes, claramente sintetizadas por Milano (2018: 554): aumento do preço das casas, congestionamento e privatização dos espaços públicos, perda ou diminuição do poder de compra dos residentes, desequilíbrio entre o número de turistas e de residentes, precarização e terciarização do emprego no setor turístico, transformação do tecido empresarial, crescimento do turismo de cruzeiros, impacto ambiental, poluição e acumulação de resíduos. Considerado de importância indiscutível no que diz respeito à evolução dos impactos sociais sentidos pela população, o modelo de Doxey revela, no entanto, algumas limitações uma vez que trata a comunidade recetora como um grupo homogéneo, ignorando as variações intrínsecas entre os residentes no mesmo local.

Embora de aplicação prática relativamente limitada atendendo a que os destinos turísticos são dinamicamente complexos e instáveis, importa referir uma outra teoria frequentemente utilizada para medir a pressão turística de um destino. Trata-se da teoria da capacidade de carga, pela primeira vez estudada por O'Reilly (1986). O conceito de capacidade de carga já havia sido definido em 1981 pela OMT como “o número máximo de pessoas que podem visitar determinado local turístico ao mesmo tempo, sem afetar o meio físico, económico ou sociocultural e sem reduzir de forma inaceitável a qualidade da experiência dos visitantes” (in Torres, 2009). Na elaboração da sua teoria, para além do número, O'Reilly toma em consideração outras variáveis tais como a distribuição dos visitantes, as atividades que realizam, o seu comportamento e as infraestruturas turísticas num determinado território.

A problemática relacionada com os impactos do turismo e as percepções dos residentes evidenciadas nas cidades hiperturísticas do continente europeu tem sido objeto de múltiplos ensaios e artigos, com incidência particular nas cidades de Veneza, Florença, Barcelona, Amesterdão, Londres, Paris e Berlim.

Partindo do conceito de *overtourism*, Goodwin (2017) refere o texto seminal de Krippendorf (1987) intitulado *The Holiday Makers* onde ele intuiu uma “nova cultura de viagem”, com o objetivo de chamar a atenção para o facto de o Turismo Responsável estar nos antípodas do *overtourism* na exata medida em que se trata de usar o turismo para fazer lugares melhores para as pessoas viverem e para as pessoas visitarem. Num dos capítulos do livro *Overtourism: Issues, realities and solutions*, Dodds & Butler (2019) defendem que a

melhor estratégia para identificar medidas apropriadas para combater o *overtourism* passa por examinar os fatores que facilitaram o seu aparecimento. Por sua vez, Martin *et al.* (2018), fazendo incidir o foco do seu artigo sobre a cidade de Barcelona, procuram fazer uma análise dos impactos associados às mudanças no modelo turístico e dos fatores subjacentes à atitude de rejeição dos cidadãos relativamente ao turismo num contexto de *overtourism* e de dependência económica face a esta atividade. Baseando-se nos quatro estágios do Índice de Irritação de Doxey, Seraphin *et al.* (2020) desenvolvem o modelo dos quatro arquétipos de moradores locais relativamente às suas atitudes para com os turistas no contexto atrás referido: vítimas, ativistas pacíficos, vândalos e resilientes locais. O equilíbrio entre a experiência de qualidade dos visitantes e a felicidade dos anfitriões envolvidos na indústria por meio de contactos diretos (Favre, 2017) é considerado como muito importante uma vez que o *Trexit* (*tourism exit*) seria uma estratégia radical, não sustentável para a maioria dos destinos (Seraphin *et al.*, 2019). Claudio Milano (2017), estudando os casos de Veneza, Berlim e Barcelona, chama a atenção para o risco de se confundir saturação turística (*overtourism*) com turismofobia, termo surgido nos *media* em Espanha no ano de 2008, inicialmente sob a forma neológica de *turistofobia*, “una mezcla de repudio, desconfianza y desprecio hacia esa figura que ya todos designan con la denominación de origen guiri” (Delgado, 2008). E destaca a importância de se procurar evitar o erro de cair numa visão reducionista deste complexo fenómeno contemporâneo, até porque, como afirma Delgado (2008) “el problema no es que haya turistas, sino que sólo haya turistas. No es el turismo el que ha vaciado los centros históricos de su historia y de su gente, sino la gestión de la ciudad como negocio y como dinero”. Num outro artigo publicado no ano seguinte, Milano (2018) sublinha, entre outros aspetos, que a democratização do turismo e o incessante aumento de visitantes a nível global amplificaram indubitavelmente a perceção e o despertar do mal-estar em torno da dependência e da especialização das economias internas até àquilo que poderia definir-se como “monocultura turística”.

No que diz respeito aos estudos sobre a temática do *overtourism* aplicados a Lisboa, dezenas de artigos foram publicados nos últimos anos. Pavel (2016) já havia refletido sobre os conceitos de reabilitação vs. renovação, gentrificação e turistificação, a partir da defesa do direito de todos à cidade, apresentando alguns dados sobre a evolução destes processos no caso do Bairro Alto, no contexto da transformação mais ampla de Lisboa numa cidade turística. Corte-Real (2016), selecionando como estudo de caso o Bairro da Mouraria, orienta a sua linha de pesquisa no sentido de tentar compreender a posição que os diferentes grupos locais adotam e quais os conflitos e alianças que se formam no espaço urbano marcado por um emaranhado de dinâmicas diferenciadas. Por sua vez, Castela (2018), incidindo sobre o Bairro de Alfama, procura analisar o nível de interação entre turistas e moradores e até que ponto essa interação influencia as perceções destes últimos acerca da representação social do turismo e dos seus impactos na comunidade, propondo algumas estratégias dirigidas aos poderes públicos no sentido de adequar a cidade à demanda turística de tal forma que o destino permaneça diferente e autêntico. A propósito do mesmo bairro lisboeta, Sequera & Nofre (2019) concluem no seu estudo que a “Airbnbização” emerge como a forma mais agressiva de desapropriação e deslocamento espacial da classe média-baixa das zonas históricas de Lisboa. Dalya *et al.* (2021) interessam-se pelos impactos do turismo na

identidade cultural dos bairros históricos da capital portuguesa, focando particularmente Alfama, Mouraria e Bairro Alto. A hipótese formulada pelos autores leva-os a considerar que, se o crescimento do turismo influencia a identidade cultural de um bairro, torna-se legítimo perguntar se esse crescimento melhora ou piora a qualidade de vida dos residentes. E, se por um lado é verdade que a gentrificação e a reabilitação urbana podem ser consideradas como precursoras do crescimento turístico, por outro também é verdade que as consequências da gentrificação incluem implicações sociais e culturais que aumentam as tensões nas comunidades, rompendo a coesão social e criando exclusões.

Nesta revisão da literatura, importa citar ainda o trabalho de Pacheco *et al.* (2019) sobre a cidade do Porto, no qual os autores se propõem divulgar as percepções de um grupo específico de *stakeholders*, nomeadamente os proprietários de lojas localizadas no centro histórico da cidade invicta e cujos resultados evidenciam que os lojistas tendem a apoiar os benefícios do turismo, embora sintam algumas reservas quanto aos seus impactos potencialmente negativos.

No concernente aos artigos publicados em Portugal incidindo sobre os casos em análise, começaremos por destacar Fernandes *et al.* (2018), que estudam os novos desafios colocados à compreensão dos processos contemporâneos de elitização residencial, designadamente em cidades médias internacionalmente abertas e com um valor patrimonial muito relevante. Recordam os mesmos autores, citando Fernandes (2005), que o Porto, há poucos anos, era visto como um exemplo clássico de situação de “donut”, vítima de um intenso processo de suburbanização e da proliferação de *shopping centers* e de *retails parks* nas suas franjas, fadados a deixar para trás prédios decadentes, gente envelhecida e pobre e lojas comerciais estagnadas. Ainda sobre o caso do Porto, importa realçar o interessante artigo de Barbosa & Lopes (2020) centrado nas resistências que têm vindo a ser desenvolvidas pelo direito à habitação, com foco particular na designada “arte socialmente comprometida”. Sobre o caso de Lisboa, merece destaque o artigo de Solismar Martins (2019) intitulado “Turismo, gentrificação urbana e (des) alojamento local na cidade de Lisboa – Portugal”,<sup>2</sup> objetivando-se analisar o aumento significativo do turismo na capital, aliado a novas práticas de gentrificação e de hospedagem, e as decorrentes alterações no modo de vida dos moradores, principalmente nos bairros históricos.

Das dissertações consultadas, merece relevo a de Inês Cordeiro (2018), na qual se procura demonstrar que, mais do que cidades turísticas, aquilo que se produz são “lugares turísticos” na cidade, uma vez que a atividade turística não se desenvolve de forma homogénea em toda a área urbana. Tal como defendem Ashworth & Tunbridge (2000: 86), devendo uma cidade ser multifuncional, o turismo representa nela parte de um todo, uma atividade numa cidade polivalente, onde os lugares turísticos se desenvolvem na sobreposição do centro histórico com o centro comercial. Numa outra dissertação, da autoria de Maria Margarida Silva (2019), procede-se ao levantamento exaustivo das notícias publicadas no jornal *Público* sobre a cidade de Lisboa nos anos de 2015 e 2018, fazendo-se um

---

<sup>2</sup> Uma nota comum a estes três artigos é a presença do tópico da “gentrificação”, um aportuguesamento de *gentrification*, conceito proveniente da área da sociologia e que, como é sabido, foi criado pela socióloga Ruth Glass em 1964 para descrever o processo de substituição de famílias operárias por famílias da classe média-alta (*gentry*) no contexto de requalificação de edifícios habitacionais em bairros do centro de Londres. O termo *gentrificação*, hoje vulgarizado no meio académico de expressão portuguesa, poderia muito bem ser traduzido por “elitização residencial”.

estudo das categorias analisadas nos textos do *corpus*, o que implica a divisão das componentes das mensagens analisadas em rubricas, em função das quais o conteúdo foi classificado e, nalguns casos, quantificado. A partir daí, a autora procura extrair conclusões acerca da evolução da positividade ou negatividade dos impactos do turismo no centro histórico da capital portuguesa. Na temática da habitação, um dos setores onde esse impacto mais se faz sentir, a mesma autora corrobora a opinião de Krähmer (2017) segundo a qual o que tem vindo a acontecer em Lisboa é uma “gentrification without gentry” em que os habitantes que estão a ser afastados do centro da cidade não estão a ser substituídos por *gentry* (termo usado neste contexto “para designar a classe média”), mas por turistas. Merece finalmente destaque a dissertação de Tatiana Oliveira (2019), que insere no seu *corpus* um conjunto bastante alargado de notícias e artigos publicados em cinco periódicos portugueses entre 2016 e 2019 com o objetivo de, através dos mesmos, analisar os malefícios e os benefícios da indústria turística, nomeadamente na cidade do Porto.

### 3. Metodologia

Mais do que direcionarmos a investigação para o tratamento de dados estatísticos sobre entrada de turistas e ocupação de unidades hoteleiras e alojamento local, já sobejamente analisadas, interessa-nos o estudo de posicionamentos acerca das ameaças e oportunidades decorrentes do *boom* turístico nas cidades de Lisboa e do Porto e dos argumentos utilizados quer pelos atores institucionais quer pelos articulistas que, por natureza, acabam por ser *opinion makers*. Neste artigo, de carácter predominantemente teórico e micro-histórico, colocam-se algumas questões de investigação:

- (i) Nos artigos de opinião recolhidos, como posicionar o discurso dos seus autores relativamente aos impactos da sobrelotação turística?
- (ii) Na dialética entre *turismofobia* e *turismofilia*, e considerando o discurso mediático, que tipo de atores institucionais se posiciona na defesa das vantagens do turismo urbano?
- (iii) De acordo com o índice de irritação turística proposto por Doxey, como evoluiu desde 2014 a perceção local das cidades de Lisboa e do Porto e em que fase se encontrava a mesma em dezembro de 2019?
- (iv) Que medidas adotar para tentar resolver o problema complexo da gestão do turismo urbano num quadro de sobrelotação turística?

Para procurar responder a estas questões, o estudo tomará a análise de conteúdo como suporte teórico-metodológico. A pesquisa bibliográfica foi efetuada tendo em conta o referencial teórico sobre o tema. O *corpus* documental, constituído por 120 textos publicados nos *media*, sejam notícias, entrevistas, artigos de opinião ou reportagens, abarca os jornais *Público*, *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias*, *Observador*, *Expresso*, *Correio da Manhã* e ainda a Agência Lusa, no arco temporal compreendido entre janeiro de 2014 e dezembro de 2019.

O presente artigo, como ficou explícito, pretende, através da análise de conteúdo do discurso mediático, fazer uma avaliação não apenas da perceção/reação dos residentes, mas também do que pensam os colunistas e os diferentes atores institucionais acerca das ameaças e oportunidades que o fenómeno da sobrelotação turística provocou nos centros históricos das duas principais cidades portuguesas.

#### 4. Lisboa e Porto: Ameaças e oportunidades

É inegável que a cidade de Lisboa viveu entre 2009 e 2019 um pico de projeção internacional enquanto destino turístico. Como oportunamente escreveu Maria Ramalho (2016), “hoje a «turistificação» a que assistimos já não se limita às linhas de costa, mas atinge o próprio coração das cidades, sobretudo as mais antigas e acessíveis em sistema «low cost»”. Como consequência deste fenómeno, assistiu-se tanto em Lisboa como no Porto a uma intensa gentrificação turística, mediante a transformação dos bairros populares e históricos do centro da cidade em locais de consumo para o turismo, “pela expansão da função de recreação, lazer ou alojamento turístico/arrendamento de curta duração que substituiu gradualmente as funções tradicionais da habitação para uso permanente, arrendamento a longo prazo e o comércio local tradicional de proximidade, agravando tendências de desalojamento e segregação residencial” (Mendes, 2021). Os bairros do centro histórico continuaram a ser esvaziados da população que os ocupou durante décadas, perdendo-se dessa forma “o tecido social e económico que lhes conferia identidade, memória, enfim, a dita «autenticidade» de que se fala tanto e não se chega a um consenso sobre o que é” (Mendes, 2021).

A apresentação de alguns dados estatísticos ajudar-nos-á a melhor compreender e interpretar o fenómeno e as conseqüentes reações expressas no discurso mediático pelos diferentes atores.

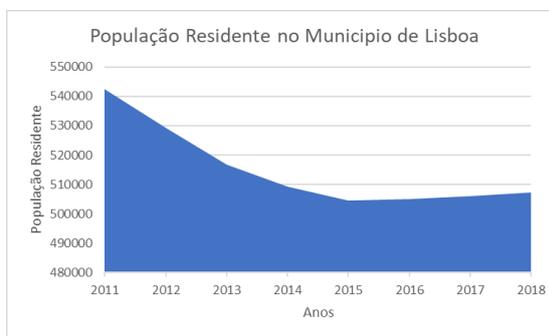
Ao analisarmos os gráficos da população residente na cidade de Lisboa relativamente ao número de dormidas nos estabelecimentos de alojamento turístico entre 2011 e 2018, constatamos que a população residente sofreu um decréscimo acentuado até 2015, continuando o número de visitantes a aumentar exponencialmente até chegar a perfazer um número 16 vezes superior ao da população residente (ver Figuras 1 e 2).

Figura 1. N.º de dormidas nos estabelecimentos turísticos de Lisboa (2011-2018)



Fonte: INE, 2019.

Figura 2. População residente em Lisboa (2011-2018)



Fonte: INE, 2019.

Procedendo a esta mesma análise na cidade do Porto, verifica-se que a população residente sofreu igualmente um decréscimo acentuado até 2015, o que corresponde a uma perda de quase 19 mil habitantes desde 2011. Em contrapartida, suportou um aumento exponencial de turistas, tendo recebido em 2018 4,1 milhões de visitantes (ver Figuras 3 e 4). De acordo com

dados apresentados por Fernandes *et al.* (2018), em 2017 na cidade do Porto verificou-se um aumento de 88% do número de estabelecimentos hoteleiros.

Figura 3. N.º de dormidas nos estabelecimentos turísticos do Porto (2011-2018)



Fonte: INE, 2019.

Figura 4. População residente no Porto (2011-2018)



Fonte: INE, 2019.

Quanto à evolução do número de licenciamentos de alojamento local em Lisboa, se atendermos aos dados do Registo Nacional de Alojamento Local (RNAL), é possível concluir que, entre 2017 e 2018, se verificou um aumento colossal de 3826 para 6717. No que toca ao número de turistas de cruzeiros no porto de Lisboa, pode verificar-se, a título de exemplo e através de dados recolhidos na imprensa, que dos 500 872 passageiros registados em 2014, se passou para 1,3 milhões em 2017.

Estas alterações teriam forçosamente de provocar consequências significativas pelo seu impacto a vários níveis. Bastará lembrar que o Porto, atualmente uma cidade marcadamente turística, era no século XX e ainda no dealbar do século XXI uma pacata cidade de comércio e serviços. Conforme testemunha Carlos Tê num artigo publicado em 2017, “há 15 anos, encontrar um turista [no Porto] era encontrar alguém perdido, uma alma que tomara o comboio errado” (Tê, 2017: 17).

Ao estudar os casos de Veneza, Berlim e Barcelona num contexto de *overtourism*, vários autores haviam chamado a atenção para o progressivo descontentamento dos residentes. Em Berlim, na segunda década do século XXI, esse mal-estar começou a manifestar-se em campanhas como “Berlin doesn’t love you” e em autocolantes e grafitis onde se escrevia “Youppies Raus”, “Tourists Raus” (Fuller & Michel, 2014; Novy & Colomb, 2016; Milano, 2017). Em Barcelona, a partir do assalto e do grafito “El turismo mata a los barrios” no para-brisas de um autocarro turístico em 2017, a reação social foi crescendo com manifestações de rua empunhando cartazes turistófobos, reveladores de elevados índices de irritação/antagonismo como “Tourism Kills the City” (Milano, 2017). Em Veneza, os gigantescos protestos contra os navios de cruzeiro e o esvaziamento do centro histórico pelos residentes acabaram por dar origem à chamada Síndrome de Veneza (Milano, 2017).

Estava dado o mote para outras cidades turísticas em que o descontentamento da população residente ia crescendo. “A cidade é nossa” foi uma das frases utilizadas em setembro de 2018 nas manifestações populares realizadas em Lisboa. Nesse mesmo ano, uma das associações criadas com o intuito de demonstrarem o seu desagrado em relação ao

fenómeno do *overtourism* realizou um documentário intitulado “Terramotourism”, tendo o movimento “Rock in Riot” lançado o slogan “Ocupar as ruas. Reclamar a cidade”. No caso do centro histórico do Porto, o afluxo de turistas, sendo um fenómeno um pouco mais recente, com expressão significativa sobretudo a partir de 2013, tem sido igualmente objeto de debate na imprensa e nos meios académicos, envolvendo a política local e o setor do turismo. A opinião dominante, como refere Boavida-Portugal (2016), enfatiza os riscos, apontando casos de difícil convívio com a população residente, de pressão sobre o espaço público, de descaracterização cultural, ambiental e funcional, de ameaças ao património, de especulação sobre o edificado, de inflação de preços, em suma, de perda de identidade. Não descartando alguns dos eventuais riscos apontados, o articulista prefere enfatizar aquilo que realmente está a suceder nas áreas centrais de Lisboa e Porto: o preenchimento de um vazio criado por décadas de abandono – por habitantes, investidores e funções centrais – e de políticas públicas inadequadas e perversas. A pressão turística, nesta perspetiva, veio trazer o necessário antídoto, nomeadamente para evitar o colapso do edificado e a desertificação populacional e funcional que lhe subjaz, “manifestando-se na atração de investimentos, na reabilitação do parque edificado para fins viáveis, na recuperação comercial e no alargamento de horários, na fruição do espaço público, na recuperação de equipamentos culturais, na recomposição de uma nova base económica e social local, ou seja, na promoção de condições de sustentabilidade urbana” (Boavida-Portugal, 2016).

Na mesma linha de defesa das vantagens do turismo urbano se posiciona o colunista Pedro Ivo Carvalho, argumentando que se tem tornado evidente a transfiguração de Lisboa e do Porto graças a uma indústria que gera emprego e riqueza e que, se problemas surgem com a pressão turística, “canalizar a nossa ira na direção de quem paga para estar entre nós não é só ineficaz” mas acaba por redundar numa tremenda injustiça, uma vez que “não é o turista que define as políticas de turismo e de urbanismo” (Carvalho, 2017). A argumentação de atores institucionais, como a do então presidente do Turismo do Porto e Norte de Portugal, vai no mesmo sentido, recusando “a ideia que se vende na imprensa de que há cidades portuguesas com sobrecarga de turistas” comparativamente a outras cidades com problemas gravíssimos como Veneza ou Dubrovnik, e preferindo remeter para os problemas de uma cidade como o Porto que, há dez anos atrás, “tinha um centro desertificado e que agora tem um investimento claro no centro histórico e na regeneração urbana” (“Turismo de Portugal recusa problemas”, 2018). Como ironicamente escrevia num recente livro de viagens o jornalista Luís Pedro Nunes, “um dos males do mundo são os turistas (mesmo que salvem economias ou cidades degradadas da sua existência miserável)” (Nunes & Froufe, 2019: 33).

## 5. O caso de Lisboa

Para a análise da perceção dos residentes e do posicionamento quer dos atores institucionais quer dos articulistas dos diferentes periódicos selecionados, procedeu-se a uma recolha de dezenas de textos de diferentes géneros jornalísticos que vão desde a notícia e a reportagem até à entrevista e ao artigo de opinião. Sublinhe-se que as tabelas que apresentamos tanto para o caso de Lisboa (ver Tabela 1) como, posteriormente, para o caso do Porto representam apenas pequenas amostras do que foram alguns dos primeiros textos publicados sobre os

impactos do turismo nessas urbes, ficando a constituir, pela ausência de uma base de dados, uma referência histórica do que foram os primórdios dessas notícias, desses testemunhos reportados, dessas opiniões expressas.

Tabela 1. Lisboa: Alguns dos primeiros textos jornalísticos sobre os impactos do turismo

TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR	GÉNERO	PERIÓDICO / DATA
'Boom' de turistas em Lisboa e Porto	Rita Dinis	Reportagem	<i>Observador</i> , 08-06-2014
"A turistificação de Lisboa ainda pode crescer"	Joana Henriques	Reportagem	<i>Público</i> , 31-08-2014
"Lisboetas sentem-se cada vez mais acoçados pelos turistas"	Regina Nogueira	Reportagem	<i>Público</i> , 01-06-2015
"Turismo de Portugal diz que não há turistas a mais em Lisboa e até existe margem para crescer"	Ana Rute Silva	Notícia	<i>Público</i> , 03-06-2015
"Governo recusa falar em excesso de alojamentos para turistas em Lisboa"	Inês Boaventura	Notícia	<i>Público</i> , 05-08-2015
"Porta sim, porta não, a baixa está entregue aos turistas"	Marisa Soares	Reportagem	<i>Público</i> , 08-11-2015
João Seixas: "As cidades são grandes espelhos de nós próprios"	Vítor Belanciano	Entrevista	<i>Público</i> , 22-11-2015
"Todos somos turistas"	Vítor Belanciano	Artigo de opinião	<i>Público</i> , 20-12-2015
"O turismo está a estragar Lisboa"	Lucy Pepper	Artigo de opinião	<i>Observador</i> , 03-04-2016
"Lisboa, não vendas a tua alma aos turistas"	Lucy Pepper	Artigo de opinião	<i>Observador</i> , 10-04-2016

Naquela que julgamos ser uma das primeiras reportagens publicadas na imprensa portuguesa sobre a turistificação de Lisboa, Joana Henriques procura respostas para um conjunto de questões não apenas sobre quando é que o boom turístico começou, mas também sobre as oportunidades e as ameaças decorrentes dessa mesma turistificação. Autenticidade, identidade, beleza são as palavras que os turistas repetem sobre o que procuram e gostam em Lisboa. De acordo com o testemunho de Tyler Brûlé, fundador da revista *Wallpaper* e diretor da conceituada *Monocle*, "Lisboa é como uma Berlim no Sudoeste da Europa: é vibrante, tem o seu próprio carácter e isso é um ponto muito importante para o turismo e para o planeamento urbano" (in Henriques, 2014). Se o diretor da *Monocle* tivesse de "vender" Lisboa, partiria do princípio de que, sendo "a capital europeia do fim do mundo, isso significa que não é arrogante, tem a capacidade para olhar à volta e trabalhar no duro", sabendo que, não estando no centro, muitos dos turistas que a visitam continuarão o seu périplo por outras paragens situadas mais a ocidente. Nesta mesma reportagem, o então vice-presidente da Câmara afirmava acreditar que ainda havia espaço para crescer e que ainda não via problemas na circulação de turistas em determinados bairros, opinião

corroborada pelo presidente do Turismo de Portugal quando afirmava que “se queremos que a indústria do turismo continue a ser motor de desenvolvimento económico, temos de nos preparar para não matar a galinha dos ovos de ouro” (in Henriques, 2014).

Analisando, no entanto, a dialética entre os benefícios e os malefícios da indústria turística na Baixa lisboeta, cedo começamos a encontrar opiniões divergentes, como é o caso da visão de uma britânica a residir em Portugal desde 1999 e que já em 2016, num artigo intitulado “O turismo está a estragar Lisboa”, tece considerações claramente negativas acerca do “apodrecimento turístico” da capital pela sua progressiva e inexorável descaracterização:

A bela teimosia portuguesa está a ceder ao medo, e Lisboa, como estava destinado a acontecer desde que o boom turístico começou, está-se a tornar uma paródia dela própria, uma caricatura de sardinhas, corvos, azulejos e pastéis de nata e/ou bacalhau, tal como previ há um par de anos. Estamos a testemunhar a terrível e rápida queda de uma cidade, e enquanto muitos de nós podemos até estar a ganhar com isso, acabaremos por perder Lisboa. (Pepper, 2016a)

António Guerreiro envereda em 2018 pela mesma linha de pensamento ao propor uma reflexão sobre a monocultura do turismo e defendendo que, se Veneza e Lisboa e o Porto e Barcelona se despovoam da mesma maneira e se tornam idênticas a um modelo único de cidade histórica, isso acontece porque “aqueles que deveriam impedir que isso acontecesse nada fizeram.” E identifica neste mesmo artigo de opinião os sinais daquilo a que chama “a morte da cidade”: o despovoamento, a museificação que a torna terra de ninguém para o turismo, a perda de memória, que é uma crise na relação com o passado, a homogeneização que a transforma num modelo global, que se repete em todas as cidades históricas europeias (Guerreiro, 2018). Em contrapartida, Bárbara Reis defendia nesse mesmo ano que o crescimento do turismo era o novo tabu do debate português e que muitos “agentes” do turismo viam em cada crítica ao descontrolo e à expansão desenfreada do alojamento a curto prazo uma ameaça, uma conspiração e uma heresia: “Quem mostra preocupação com o esvaziamento dos centros históricos quer destruir a economia. Quem pede mais intervenção das câmaras e dos governos é insensível, irrealista e irresponsável. Quem não tem fé cega no mercado é ignorante. Quem fala do impacto negativo do turismo de massas noutras cidades europeias é manipulador” (Reis, 2018). E se passarmos para os atores institucionais, cuja voz se repercute na esfera mediática não só na condição de entrevistados, mas também na condição de líderes de opinião, está longe de ser nefasta a perspetiva da ocupação das cidades pelo turismo de massa. Em 2017, o *World Travel & Tourism Council* (WTTC) realizou um estudo que procura fazer um cruzamento entre nove indicadores para medir em que ponto estava a concentração turística em cada uma das 68 cidades analisadas (importância do turismo, crescimento das chegadas, densidade turística, intensidade turística, críticas negativas no *TripAdvisor*, sazonalidade das chegadas, concentração nas atrações e monumentos, poluição do ar e prevalência dos locais históricos) e concluiu que várias das metrópoles analisadas apresentam um ou mais sintomas de alerta. De acordo com este mesmo estudo, Lisboa apresenta maior risco no que diz respeito à limitada sazonalidade das chegadas e ao seu crescimento, que atingiu já um nível médio. A gentrificação dos bairros

históricos, as críticas negativas em plataformas *online*, que começam a aparecer, e a crescente dependência económica da atividade turística são também motivos de preocupação, o que leva o referido Conselho a recomendar o governo e as autoridades turísticas da capital a agirem, se não quiserem ver fenómenos como a turismofobia crescer. Em resposta a estas advertências, o presidente da Entidade Regional de Turismo da Região de Lisboa, Vítor Costa, diz não alinhar no ‘coro das velhas’ sobre o perigo da chamada ‘turistificação’ e invoca mesmo um estudo de opinião realizado em 2016, segundo o qual “90% dos residentes tem uma opinião positiva ou muito positiva sobre os turistas e sobre a contribuição do Turismo para a capital portuguesa” (in Matos, 2018). Ou seja, se a grande maioria dos residentes em Lisboa está a favor do Turismo, é impossível que exista “qualquer fenómeno de turismofobia crescente em Lisboa”. Reconhece, no entanto, que existem críticas, apesar de não considerar que se trate de manifestações antiturísticas, atribuindo muitas dessas vozes a opiniões “cínicas e elitistas”, uma vez que para alguns a sustentabilidade parte do pressuposto que o turismo é um fenómeno negativo: “O meu conceito de sustentabilidade não é o de limitar o turismo, nem combater os efeitos do turismo, nem ‘apagar a pegada turística’, mas sim, pela positiva, de gerir o crescimento, criando condições para que o Turismo possa continuar a dar a sua contribuição para o nosso desenvolvimento” (in Matos, 2018).

Uma outra voz, teoricamente insuspeita, provém da jornalista Joana Petiz que também em 2017 se insurge contra os que gritam na rua sem se darem ao trabalho de conhecerem os números. Recorda que “Lisboa entretém menos de cinco milhões de estrangeiros”, que as receitas associadas à exportação de serviços subiram nesse ano para 12,7 mil milhões de euros “à boleia do turismo, que desempenhou um papel fundamental na economia do país no pós-crise, nomeadamente no aumento de 1,4% do PIB no último ano” (Petiz, 2017). E relembra que, se a causa é questionável em França ou na Tailândia – esta última com cinco cidades no top das mais visitadas do mundo – em contrapartida gritar contra os turistas e alimentar a turismofobia em Portugal é “um perfeito absurdo”.

#### **4. O caso do Porto**

No que diz respeito a algumas das primeiras notícias e artigos de opinião sobre a saturação turística na cidade do Porto (ver Tabela 2), a primeira ilação a retirar é que o posicionamento dos seus autores é francamente positivo até meados de 2016, sendo que as marcas de negatividade aumentam de certa forma a partir dos finais de 2016 e ir-se-ão acentuar significativamente a partir de 2017, nomeadamente em muitos artigos de opinião que já não figuram nesta tabela pelo facto de aqui termos selecionado apenas alguns dos primeiros textos até perfazerem o número de dez, tal como aconteceu na Tabela 1. Uma segunda ilação a extrair desta pequena amostra é que, na titulação dos artigos, se constata uma evolução: de “ganhos” e “sucesso” passa-se, posteriormente, para “turistificação”, “Morto” e “pressão”, termos com uma carga semântica contextualmente negativa.

Tabela 2. Porto: alguns dos primeiros textos jornalísticos sobre os impactos do turismo

TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR	POSICIONAMENTO	PERIÓDICO / DATA
“Porto deve consolidar ganhos do ‘boom’ turístico	Agência Lusa	Positivo	Agência Lusa, 08-06-2014
“Rui Moreira: Taxas turísticas exigem ‘prudência infinita’ e avaliação macroeconómica”	José Goulão	Indeterminado	Observador, 11-11-2014
“O sucesso do turismo no Porto, a iniciativa privada e os artistas”	André Alves	Positivo	Observador, 17-01-2015
“Uma cidade chamada Porto”	Alberto Gonçalves	Positivo	Diário de Notícias, 08-05-2016
“Rui Moreira admite taxa turística no Porto para proteger património”	José Coelho	Positivo	Observador, 07-06-2016
“Porto, processo de turistificação de uma cidade património mundial”	Maria Ramalho	Negativo	Público, 23-11-2016
“O Porto não é o Faroeste”	Rui Moreira	Positivo	Correio da Manhã, 29-01-2017
“O Porto não é Barcelona”	Rui Lage	Positivo	Jornal de Notícias, 13-02-2017
“Morto.” em vez de “Porto.” Câmara apresenta queixa	Rita Dinis	Negativo	Observador, 07-08-2017
“Cerca de 100 pessoas manifestaram-se no Porto contra a pressão do turismo de habitação”	Diário de Notícias	Negativo	Diário de Notícias, 23-09-2017

Como já foi referido, a cidade do Porto e, nomeadamente, o velho burgo medieval, demoraram mais tempo a agitar-se, mas o fenómeno do afluxo das multidões de turistas chegou, sobretudo a partir de 2013 e, tal como em Lisboa, a chamada “turistificação” motivou as mais díspares reações nos *media*. Num artigo de opinião intitulado “Uma cidade chamada Porto”, Alberto Rodrigues faz um retrato positivo do que viu quando considera que, há meia dúzia de anos, se ia ao Porto “com o tipo de disposição antropológica que motivaria uma visita a Detroit: mal o Sol se punha, não se via viva alma ou viam-se almas evitáveis; os estabelecimentos eram escassos e decrepitos; incontáveis edifícios estavam lacrados a tijolo e prontos para o abate; o abandono parecia irremediável” (Rodrigues, 2016). O que naquela altura testemunhou foi que nasceu ali “um destino de viagem a sério”. E se é verdade que abundam os clichés, da brisa morna às esplanadas cheias, do trompetista “espontâneo” à confusão de línguas, da conversão de negócios falidos às fachadas “reabilitadas” e lindas, o certo é que, para a velha e decadente cidade do Porto, ele considera abençoados esses clichés, sinais do despertar portuense.

Em 2017, Rui Lage, adotando o mesmo posicionamento, procura analisar as posições antagónicas de alguns segmentos da “intelligentsia” portuense que “papagueiam chavões da sociologia”, como o da “gentrificação”, que clamam que o Porto não pode ser “parque temático” ou uma “Disneylândia”, ou que é vítima de “vampirismo turístico”, esquecendo-se que foi o turismo que desencadeou um vigoroso processo de reabilitação urbana que, tal como em Lisboa, “está a salvar da ruína e do abandono o edificado do centro histórico, que elevou o amor-próprio dos portuenses, que subitamente descobrem a sua cidade visitada e admirada por pessoas de todo o mundo” (Lage, 2017).

O contraponto deste posicionamento pode, no entanto, ser encontrado num longo artigo da revista alemã *Der Spiegel* (agosto de 2018) intitulado “Paraisos perdidos: Como os turistas estão a destruir os locais que amam”, o qual, pelo seu impacto a nível europeu, despertou a curiosidade dos *media* portugueses, tendo sido comentado em vários periódicos. Paula Ferreira (2018) tratou de resumi-lo no *Diário de Notícias* sob o título de “Amor tóxico: como os turistas estão a destruir o Porto”. Nele se aponta o turismo de massa como fator de ruína para lugares históricos como a Invicta. As culpadas são as companhias aéreas *low cost* que contribuíram para uma forma de invasão turística que faz com que os moradores locais se sintam estrangeiros nas suas próprias cidades, lembrando que em 2017 2,5 milhões de turistas visitaram o Porto, uma cidade com pouco mais de 200.000 habitantes. Sublinha a este propósito a mesma jornalista que, no artigo da *Der Spiegel*, existem vários parágrafos que poderiam ter sido retirados de jornais portugueses, exemplificando:

Os moradores das cidades e regiões afetadas são talvez os maiores perdedores. Quando, por exemplo, se torna mais lucrativo para os proprietários alugar os apartamentos a turistas diariamente ou semanalmente do que a locais que precisam de um lugar acessível para morar" ou "quando as pessoas não se sentem mais confortáveis na sua vizinhança porque se tornaram minoria nos cafés e restaurantes que tradicionalmente frequentavam. (in Ferreira, 2018)

A consequência desta situação é que, desde 2017, os habitantes locais começaram a organizar-se contra este turismo de massa, pintando slogans em paredes com frases como “Turistas voltem para casa”, afixando autocolantes com a marca “Porto.” transformada em “Morto.”, ou confrontando jornalistas com alertas do tipo “Um dia a cidade vai ficar descaracterizada. Se tiramos a população, se pomos tudo em inglês, isto deixa de ser a cidade do Porto. Passa a ser um sítio de comes e bebes e de roupa barata” (“Cerca de 100 pessoas manifestaram-se”, 2017).

Os atores institucionais têm, no entanto, trabalhado para tentarem contrariar este estado de coisas. Em 2017, e numa altura em que o Porto, num concurso promovido pela “European Best Destinations”, era distinguido pela terceira vez como o melhor destino europeu, o autarca Rui Moreira, acumulando as funções de presidente da Associação de Turismo do Porto, fazia aprovar nesta cidade o primeiro regulamento para o transporte turístico, o qual restringe percursos e paragens, obriga à aplicação de normas ambientais e defende a vida quotidiana dos portuenses, no sentido de encontrar soluções de sustentabilidade para o turismo e para cidade (Moreira, 2017). No mesmo ano de 2017, aprovaria o citado autarca a introdução de uma taxa para os turistas que pernoitassem no Porto, cuja receita viria a ser canalizada para “diminuir a pegada turística” (Silva, 2017).

## 5. Análise e discussão dos resultados

Procurando responder às questões de investigação, começaríamos por referir que as conclusões da pesquisa acerca da tipologia de atores institucionais que se posicionam na defesa das vantagens do turismo urbano em Lisboa e no Porto apontam para entidades com altas responsabilidades na gestão autárquica, no setor do turismo, da hotelaria e da

restauração e ainda para alguns investigadores ligados à Economia do Turismo. Entre estes atores, poderíamos citar o presidente da Câmara do Porto (Moreira, 2017), o presidente da Câmara de Lisboa (Mendonça, 2017), o presidente do Turismo de Portugal (“Turismo de Portugal recusa”, 2018), o presidente da Associação Portuguesa de Hotelaria, Restauração e Turismo (Dinis, 2014), o Diretor-Geral do Turismo de Lisboa (Dinis, 2014), o presidente do Turismo do Porto e Norte de Portugal (“Turismo de Portugal recusa”, 2018) e o presidente do IPDT (“Turismo de Portugal recusa”, 2018).

No que toca à questão relacionada com a evolução desde 2014 do Índice de Irritação de Doxey, pode concluir-se através da análise de conteúdo dos documentos do *corpus* que se assistiu a uma evolução no sentido negativo, da qual foi dando conta o discurso dos *media*. Já em 2015, Vítor Belanciano (2015), sem fazer alusão a datas excetuando a do presente da escrita, fazia o diagnóstico da situação em Lisboa, começando por referir a etapa inicial de satisfação pelos proveitos económicos e orgulho pelo reconhecimento, evoluindo posteriormente para a fase da apreensão de quem vivia na zona histórica e nas zonas adjacentes, por causa das perturbações que gradualmente foram surgindo. À data de publicação do artigo, o seu autor apontava sintomas que remetem para a fase de irritação que prenuncia o antagonismo quando refere que nos cafés, nas esplanadas, na rua, no espaço público, “as marcas de hostilidade entre autóctones e forasteiros ainda são subtis, mas não é preciso ser vidente para antecipar que irão aumentar” (Belanciano, 2015). Efetivamente, elas vieram a acontecer numa fase posterior quando os residentes do bairro da Mouraria chegaram a expulsar turistas (Gomes, 2017). E em setembro de 2018 houve lugar a manifestações com centenas de pessoas vindas dos bairros históricos e das periferias a desfilar no centro de Lisboa com cartazes onde se podia ler “Há lugar para todos”, “*Hands off our houses*”, “A cidade é nossa”, “Lisboa a saque”, num protesto de quem vê o seu direito a habitar em Lisboa ameaçado pelo alojamento local para turistas ou a compra de casas para venda com preços inflacionados pela especulação (Cordeiro, 2018). Foi justamente neste mesmo ano que foi lançado nos Estados Unidos o documentário intitulado *Crowded Out: The Story of Overtourism* no qual o professor Harold Goodwin produz a seguinte afirmação: ‘We need rebellious tourists and rebellious locals to achieve change. It won't just happen without some degree of rebellion by tourists being turned off destinations and locals saying 'enough is enough’ (Sublime Team, 2018).

Na cidade do Porto, onde o afluxo dos turistas começou por ser visto com entusiasmo por aquilo que representou na renovação e vivificação do centro histórico, a reação inicial de euforia foi esmorecendo, nomeadamente a partir de 2016. A perceção local em 2019 situava-se na fase da irritação que, habitualmente, surge quando a presença dos turistas começa a influenciar negativamente a qualidade de vida dos residentes. Esse estádio leva-os, naturalmente, a pôr em causa os benefícios da indústria turística relativamente aos malefícios já diagnosticados, nomeadamente a sobreocupação do espaço público, a homogeneização do comércio, a gentrificação, o aumento dos preços de arrendamento motivado pela procura desenfreada do alojamento temporário, a proliferação de *hostels* e outras formas de alojamento que põem em risco a função residencial da população autóctone.

Partindo do princípio de que não é nada fácil gerir o problema do turismo urbano, importa saber, no caso português, como pode o país como um todo e de forma mais

equilibrada tirar partido do efeito de moda luso que, até ao início de 2020, arrastou multidões às cidades de Lisboa e do Porto, sabendo-se que as modas são por natureza passageiras e que também são construídas pelos jornalistas especializados em viagens. A capacidade que estes *opinion makers* revelam para colocar um destino na moda levou em 2016 a já citada Lucy Pepper a interrogar-se acerca daquilo que turisticamente poderá acontecer à capital portuguesa “quando os jornalistas de viagens já tiverem explorado a última fissura do muro” (Pepper, 2016b), vaticinando que o turismo em Lisboa “há de rebentar de repente como uma bolha de sabão ou então esvaziar-se lentamente como um balão”. Como é sabido, este quadro sombrio não veio até ao momento a concretizar-se, na medida a capital já recuperou em 2022 os índices de afluência de turistas que possuía antes de 2020. Tal pode, desde logo, significar que a relação dos jornalistas com o poder político e económico é bastante complexa, o que os levará por vezes a emitir opiniões tendenciosas. Além disso, muito para além da possível influência dos líderes de opinião, é importante sublinhar o papel crucial das políticas públicas para o turismo e das campanhas internacionais do Turismo de Portugal, que levaram à atribuição de vários prémios internacionais, precisamente a Lisboa e ao Porto em 2017 e em 2018.

As várias iniciativas tomadas para a correta gestão do turismo urbano apontam para a urgência da implementação de estratégias que demonstrem que o turismo pode ser um setor que transporta consigo aspetos positivos e sustentáveis, desde que as autoridades responsáveis apliquem medidas práticas como aquelas que nos foram sugeridas pelas múltiplas leituras relacionadas com os efeitos negativos do turismo de massa:

- consultar a população e envolvê-la na gestão do turismo,<sup>3</sup> de modo que o tipo de impactos e a forma como a população residente os percebe estejam sob exame contínuo;
- cobrar taxas aos turistas e usar essa verba em prol da conservação dos lugares;
- regulamentar ou limitar as opções de hospedagem, incluindo arrendamentos temporários através de plataformas digitais;
- trabalhar para capacitar profissionais e empresas fora da indústria turística tradicional ou em regiões menos saturadas das cidades em questão;
- distribuir turistas no tempo, resolvendo o excesso de visitantes nas épocas altas e controlando o número de visitantes a acederem a determinada atração turística;
- distribuir turistas geograficamente, desenvolvendo atrações turísticas fora dos centros históricos;
- regular a oferta de alojamento, implementando uma quota máxima para as unidades de alojamento local permitidas em cada bairro;
- limitar o acesso ou as atividades em locais onde os residentes estejam a ser excessivamente prejudicados, proibindo a abertura de novas lojas exclusivamente direcionadas para o turismo ou proibindo o consumo de álcool na rua entre a meia-noite e as 7 horas da manhã;
- banir em Lisboa a atracagem de navios de cruzeiro acima de determinadas dimensões e limitar o seu tempo de estadia;

---

<sup>3</sup> Murray (2018) aponta como exemplo as ações desenvolvidas desde 2008 por iniciativa da Universidade Nacional de Mar del Plata, na Argentina, no sentido de desenvolver nos autóctones atitudes positivas para com os alóctones, através da implementação de cursos em plataformas digitais para a formação de Anfitriões Turísticos, orientados para a Interpretação Ambiental.

- ajustar o preço à oferta e procura, cobrando taxas e aumentando o preço das principais atrações turísticas;
- privilegiar negócios de propriedade de habitantes locais, criando limites para investidores estrangeiros.

## 6. Considerações finais

De acordo com a análise de conteúdo efetuada, os *media* portugueses mostraram, no arco temporal em estudo, uma tendência para destacar os impactos negativos causados pelo turismo em detrimento dos impactos positivos, dando um especial enfoque aos impactos provocados na população residente pela especulação imobiliária, pelos despejos e pela gentrificação, que estão na origem das manifestações de descontentamento. Os articulistas foram muitas vezes a voz mediática desse sentimento de rejeição, posicionando o foco da sua argumentação sobretudo na descaracterização e na perda de autenticidade dos dois mais importantes centros urbanos de Portugal.

Convém, no entanto, sublinhar que, na sua maioria, os testemunhos recolhidos na imprensa apontam para o facto de os cidadãos não recusarem o crescimento da atividade turística, mas a falta de planeamento e os custos económicos que isso acarreta para as suas vidas. Os cidadãos residentes são essenciais para o desenvolvimento de qualquer destino turístico, razão pela qual o seu apoio é fundamental para garantir a sustentabilidade do referido destino. Daqui se pode inferir que, em vez de simplesmente ceder às exigências de grupos de pressão que só pedem a redução da atividade turística, o que importa é tomar medidas para garantir um destino socialmente sustentável. E se é verdade que, em contextos de *overtourism*, certos segmentos sociais tendem a atribuir a causa de todos os males de que padece uma cidade à presença considerada excessiva de turistas no seu espaço, convirá lembrar, tal como o professor Manuel Delgado sustentava já em 2008, que essa acusação funciona na prática como uma espécie de “xenofobia de substituição” (Delgado, 2008), uma vez que se dirige a pessoas cuja característica essencial é serem estrangeiros. Na realidade, essa denúncia do turista como “irrupção anómala a combater” é estruturalmente idêntica àquela que o vulgar racismo aplica aos imigrantes.

Dito isto, importa reconhecer que é necessário repensar o modelo de desenvolvimento turístico, uma vez que o atual se revela ineficiente para garantir a prosperidade e a qualidade de vida de um destino quando este, numa determinada conjuntura, fica sobrecarregado. Com efeito, enquanto a meta principal dos órgãos de turismo for simplesmente aumentar o número de visitantes sem priorizar a sustentabilidade, os efeitos negativos continuarão a fazer-se sentir. É preciso, como defende Elisabeth Becker (2013), que o destino use o turismo em vez de ser usado por ele, tendo sempre presente que a indústria do turismo vive processos disruptivos muito rápidos e que as cidades turísticas do século XXI estão condenadas a viver entre paradoxos: se por um lado precisam de ser sedutoras sem quererem ser esmagadas pelo seu desejo, por outro devem assumir que o turismo pode ser voraz, mas não podem prescindir dele. O princípio a ter em conta é de que é ténue a fronteira entre ter sucesso e ser-se vítima dele.

## Referências

- Andereck, K. L. (1997). Territorial functioning in a tourism setting. *Annals of Tourism Research*, 24 (3), 706–720. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(97\)00024-8](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(97)00024-8)
- Ashworth, G. J. & Tunbridge, J. E (2000). *The Tourist-historic city: Retrospect and prospect of managing the heritage City*. Elsevier Science.
- Barata-Salgueiro, T., Mendes, L., & Guimarães, P. (2017). Tourism and urban changes – Lessons from Lisbon. In M. Gravari-Barbas & S. Guinand (Eds.), *Tourism and gentrification in contemporary metropolises* (pp. 255-270). Routledge.
- Barbosa, I. & Lopes, J. (2020). “O Porto não se vende”: Resistências à gentrificação através da produção artística no período pós-austeritário. *Cadernos de Arte e Antropologia*, 9(2), 67-73.
- Becker, E. (2013). *Overbooked: The exploding business of travel and tourism*. Simon & Schuster.
- Castela, A. (2018). Impacts of tourism in an urban community: The case of Alfama. *Athens Journal of Tourism*. 5(2), 133-148. <https://doi.org/10.30958/ajt.5-2-4>
- Cordeiro, I. (2018). *Lugares turísticos, cidades turísticas: Fenómenos de transformação urbana*. Dissertação de Mestrado, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.
- Corte-Real, M. (2016). Shaping a territory: Case study-The Moorish Quarter in Lisbon (Mouraria). *Public Spaces: Times of Crisis and Change* (Research in Urban Sociology, Vol. 15), 169-189. <https://doi.org/10.1108/S1047-004220160000015008>
- Crispim, L. (1998). O parque temático Beto Carreiro World no contexto do turismo com base local. In L.T. Coriolano (Org.), *Turismo com Ética* (pp.390-398). UECE.
- Dalya, P., Dias, A. & Patuleia, M. (2021). The impacts of tourism on cultural identity on lisbon historic neighbourhoods. *Journal of Ethnic and Cultural Studies*, 8(1), 1-25. <http://dx.doi.org/10.29333/ejecs/516>
- Dodds, R. & Butler, R.W. (2019). The enablers of overtourism. In R. Dodds, R & R.W. Butler (Eds.), *Overtourism: Issues, realities and solutions* (pp. 6-21). De Gruyter Studies in Tourism.
- Doxey, G. V. (1975). *A causation theory of visitor/resident irritants: Methodology and research inferences*. Proceedings of the Travel Research Association 6th Annual Conference (pp. 195-198). Travel Research Association.
- Fainstein, S. & Judd, D. (1999). *The tourist city*. Yale University Press.
- Favre, C. (2017). The Small2Mighty tourism academy: Growing business to grow women as a transformative strategy for emerging destinations. *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, 9(5), 555-563. <https://doi.org/10.1108/WHATT-07-2017-0034>
- Fernandes, J. (2005). Contributos para a coordenação territorial no “Grande Porto”. In *Porto Cidade Região* (pp.263-274). Reitoria da Universidade do Porto.
- Fernandes, J., Carvalho, L., Chamusca, P. & Pinto, J. (2018). Gentrification in Porto: Problems and opportunities in the past and in the future of an internationally open city. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)*, 15, 77-198. [Doi.org/10.17127/got/2018.15.008](https://doi.org/10.17127/got/2018.15.008)
- Füller, H., & Michel, B. (2014). ‘Stop being a tourist!’ New dynamics of urban tourism in Berlin-Kreuzberg. *International Journal of Urban and Regional Research*, 38(4), 1304-1318. <https://doi.org/10.1111/1468-2427.12124>
- Goodwin, H. (2017, October). The Challenge of Overtourism [Working Paper 4]. *Responsible Tourism Partnership*.
- Krähmer, K. (2017). *Gentrification without gentry? Tourism and Real Estate Investment in Lisbon*. Corso di Laurea Magistrale in Pianificazione Territoriale, Urbanistica e Paesaggistico-Ambientale. Torino, Dipartimento Interateneo in Scienze, Progetti e Politiche del Territorio, Politecnico do Torino.
- Krippendorf, J. (1987). *The Holiday Makers: Understanding the impact of leisure and travel*. Routledge.
- Luchiari, M. (2000). Urbanização turística: um novo nexo entre o lugar e o mundo. In M. Luchiari, C. Serrano & H. Bruhns (Orgs.), *Olhares contemporâneos sobre o turismo* (pp. 105-130). Papirus.
- Martin, J.M., Martinez, J.M. & Fernández, J.A. (2018). An analysis of the factors behind the citizen’s attitude of rejection towards tourism in a context of overtourism and economic dependence on this activity. *Sustainability*, 10, 2851. <https://doi.org/10.3390/su10082851>

- Martins, S. F. (2019). Turismo, gentrificação urbana e (des) alojamento local na cidade de Lisboa – Portugal. *Geografia Ensino & Pesquisa*. 23. <http://dx.doi.org/10.5902/2236499437424>
- Mendes, L. (2013). Public policies on urban rehabilitation and their effects on gentrification in Lisbon. *AGIR – Revista Interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas*. 1 (5), 200-218.
- Mendes, L. (2021). Lutas urbanas pelo direito à habitação em Lisboa em tempos de pandemia. *Cadernos Metrópole*. 23 (50), 203-232. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2021-5008>
- Milano, C. (2017). Overtourism y Turismofobia: Tendencias globales y contextos locales. Barcelona: Ostelea School of Tourism & Hospitality.
- Milano, C. (2018). Overtourism, malestar social y turismofobia. Un debate controvertido. *Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*. 16 (3), 551-564. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2018.16.041>.
- Murray, M. (2018, abril). La rebelión de los anfitriones. *La Capital*, 112, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales – Universidad Nacional de Mar del Plata. <http://nulan.mdp.edu.ar/id/eprint/2876>
- Novy, J. & Colomb, C. (2016). Urban tourism and its discontents: An introduction. In C. Colomb & J. Novy (Eds.), *Protest and resistance in the tourist city* (pp.1-30). Routledge/Taylor & Francis.
- Nunes, L. & Froufe, T. (2019). *Em busca da praia perfeita*. Oficina do Livro.
- Oliveira, T. (2019). *Porto: Turistificação e Turismofobia*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- O'Reilly, A. M. (1986) Tourism carrying capacity: concept and issues. *Tourism management*, 7(4): 254-258. [https://doi.org/10.1016/0261-5177\(86\)90035-X](https://doi.org/10.1016/0261-5177(86)90035-X)
- Pacheco, L., Tavares, C & Madaleno, M. (2019). Perceived impacts of tourism by shop owners: The case of Porto, Portugal. *Tourism Today*, 18, 54-78.
- Pavel, F. (2016). El Bairro Alto en Lisboa entre gentrificación, turistificación y derechos de la población [Working paper]. Congreso Internacional *Contested Cities*, Madrid, Spain.
- Rodrigues, A. B. (1996). Percalços do Planeamento Turístico: o Prodetur–NE. In A.B. Rodrigues (Org.). *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, pp. 145-162.
- Seraphin, H., Ivanov, S., Dosquet, F., & Bourliataux-Lajoie, S. (2020). Archetypes of locals in destinations victim of overtourism. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 43, 283-288. <https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2019.12.001>
- Seraphin, H., Gowreesunkar, V., Zaman, M., & Lorey, T. (2019). Limitations of Texit (tourism exit) as a solution to overtourism. *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, 11(5), 566-581. <http://dx.doi.org/10.1108/WHATT-06-2019-0037>
- Sequera, J., & Nofre, J. (2019). Touristification, transnational gentrification and urban change in Lisbon: The neighbourhood of Alfama. *Urban Studies*, 1-21. <https://doi.org/10.1177/0042098019883734>.
- Silva, M. M. (2019). *Lisboa é um donut com chantilly: Uma análise do debate no Jornal Público sobre o impacto do turismo em 2015 e 2018*. Dissertação de Mestrado, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa.
- Sublime Team (2018, julho 3). *Crowded Out: The Story of Overtourism*. Eco Travel.
- Torres, C. (2009, 6 maio). Capacidade de carga: Um dos instrumentos fundamentais na planificação do território turístico. *Publituris*.

## Publicações periódicas

- Belanciano, V. (2015, dezembro 20). Todos somos turistas. *Público*.
- Boavida-Portugal, L. (2016, maio 28). O turismo nas áreas históricas de Lisboa e Porto. Ameaça ou oportunidade? *Observador*.
- Carvalho, P. (2017, agosto 9). Turista bom, turista mau. *Jornal de Notícias*.
- Cordeiro, A. (2018, setembro 22). Em Lisboa, turistas ouviram residentes dizer: “A cidade é nossa!”. *Público*.
- Delgado, M. (2008, julho 11). Turistofobia. *El País*.
- Dinis, R. (2014, junho 8). ‘Boom’ de turistas em Lisboa e Porto. *Observador*.
- Ferreira, P. (2018, agosto 23). Amor tóxico: Como os turistas estão a destruir o Porto. *Diário de Notícias*.
- Gomes, A. (2017, 3 fevereiro). Taxa turística no Porto após as autárquicas. *Correio da Manhã*, p. 21.

- Guerreiro, A. (2018, 13 abril). A morte da cidade. *Público*.
- Harrop, F. (2021, dezembro 2). Hypertourism and the new travel agendas.
- Henriques, A. (2017, janeiro 29). Uma boa ideia. *Correio da Manhã*, p. 2.
- Henriques, J. (2014, agosto 31). A turistificação de Lisboa ainda pode crescer. *Público*.
- Lage, R. (2017, fevereiro 13). O Porto não é Barcelona. *Jornal de Notícias*.
- Matos, I. (2018, março 1). Turismofobia (ainda) não é ameaça em Portugal. *Publituris*.
- Mendonça, B. (2017, setembro 8). Há turistas a mais em Lisboa? Não, talvez, depende. *Expresso*.
- Moreira, R. (2017, janeiro 29). O Porto não é o Faroeste. *Correio da Manhã*.
- Pepper, L. (2016a, abril 3). O turismo está a estragar Lisboa. *Observador*.
- Pepper, L. (2016b, abril 10). Lisboa, não vendas a tua alma aos turistas. *Observador*.
- Petiz, J. (2017, agosto 13). Turismofobia: um perfeito absurdo. *Diário de Notícias*.
- Pinheiro, A. (2017, maio 19). Sucesso do turismo em Portugal é case study na Europa. *Diário de Notícias*.
- Ramalho, M. (2016, novembro 23). Porto, processo de turistificação de uma cidade património mundial. *Público*.
- Reis, B. (2018, maio 4). Vender a alma ao turismo. *Público*.
- Rodrigues, A. (2016, maio 8). Uma cidade chamada Porto. *Diário de Notícias*.
- s.a. (2017, setembro 23). Cerca de 100 pessoas manifestaram-se no Porto contra a pressão do turismo de habitação. *Diário de Notícias*.
- s.a. (2018, abril 4). Turismo de Portugal recusa problemas de sobrecarga turística em Lisboa e Porto. *Agência Lusa*.
- Silva, F. (2017, dezembro 12). Turistas pagam dois euros por noite no Porto a partir de março. *JPN – JornalismoPortoNet*.
- Tê, C. (2017, outubro). Sem pressa / Unhurried. *UP – TAP Air Portugal*, nº 120, p. 16-17.

**MANUEL TOJAL** é Doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de Toulouse – Le Mirail, com a tese *Maria Velho da Costa: Un atelier d’écriture*. Em 1989 foi-lhe concedida a equivalência ao Grau de Doutor na especialidade de Literatura Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É Professor Auxiliar na Universidade da Maia e no Instituto Politécnico da Maia e membro do N2i - Núcleo de Investigação do Instituto Politécnico da Maia. Os seus interesses de investigação incluem a Comunicação Digital, a Literatura de Viagens, o Turismo Literário e a Imprensa Turística. Endereço institucional: Instituto Politécnico da Maia (IPMAIA), Av. Carlos de Oliveira Campos, s/n, 4475-690 Avioso S. Pedro, Castelo da Maia, Portugal.

Submetido 4 abril 2022

Aceite 9 setembro 2022